

Nome imprescindível do rock gaúcho, Carlo Pianta é uma das mais inquietas mentes criativas da cultura do Estado, explorando novos caminhos na arte e na academia

Reportagem Cultural



SINCRONIZANDO PIANTA: ROCK'N'ROLL, BOSSA NOVA E A DISCIPLINA DO CRAFT

Cristiano Bastos, especial para JC

“Minha relação com o Carlo Pianta é de admiração. Pelo músico que ele sempre foi mas, depois, pelo excelente estudioso de literatura que ele mostrou ser”, afirma o professor Luís Augusto Fischer. Pianta fez mestrado sobre João Gilberto e a Bossa Nova, com Fischer como orientador (“fiquei meio de *sparring* dele para o desenvolvimento de análises sutis e muito inventivas”), e doutorado sobre a poesia exigente de Jorge de Lima, orientado por Regina Zilberman. “Aprendi muito com a verve dele, que se manifesta no humor peculiar mas também na agudeza dele como leitor. Aliás, ele foi nosso parceiro no Sarau

Elétrico muitas e muitas vezes, sempre levando leituras finas – e na verdade às vezes grossas, banhadas de picardia.”

O depoimento é exemplar para definir a simbiose perfeita entre o palco e a página escrita que desenha o retrato de um dos intelectuais mais originais da cultura gaúcha, cuja caminhada pública confunde-se com a gênese do circuito alternativo de Porto Alegre em meados dos anos 1980. Em 1985, Pianta integrou a formação original do DeFalla, um dos grupos mais disruptivos do rock nacional. Em 1987, uniu-se aos parceiros da Graforrêia Xilarmônica.

Como guitarrista, baixista e vocalista, ele ajudou a escul-

pir uma sonoridade um tanto *sui generis*, infundindo o rock dos anos 1960, a crueza punk, o humor *nonsense*, a Jovem Guarda e o brega ao regionalismo gaúcho, deixando como legado discos fundamentais como *Coisa de Louco II* e *Chapinhas de Ouro*, além de clássicos como o hino alternativo do Rio Grande do Sul urbano, *Amigo Punk*.

“De fato, ter estado presente nesse período peculiar da nova geração do rock de Porto Alegre, especialmente do lado mais voltado para a originalidade e a inventividade, foi definidor de minha carreira”, concorda Pianta. “Essa experiência eu pude passar fortemente para meus alunos entre 1995 e 2004, na Escola de

Música Beethoven, junto a Biba Meira. E segue sendo um dos eixos do meu trabalho, ainda que meus objetivos e maneiras de fazer as coisas tenham se renovado e modificado.”

Sua precisão técnica e sensibilidade melódica também o transformaram em um colaborador disputado na cena. Atuou na Expresso Oriente e Guitar Band, de Julio Reny, criou arranjos ao lado de nomes como Marcelo Delacroix, Ronald Augusto e Arthur de Faria, e mergulhou na filosofia musical de Robert Fripp através do Guitar Craft.

A relevância de Pianta é corroborada pelo produtor carioca Kassin (ex-Acabou La Tequila), que recorda o impacto de conhe-

cer a Graforrêia na juventude, no festival Superdemo realizado no Rio de Janeiro. “Eu acho o Pianta um dos grandes guitarristas brasileiros de todos os tempos. A primeira vez que assisti à Graforrêia Xilarmônica eu devia ter mais ou menos uns 18 anos. Fiquei louco com a banda. A partir dali, começamos a ter contato com esse rock que estava sendo feito no Sul, que não chegava muito aqui.”

Essa proximidade gerou uma forte parceria. Kassin produziu o disco *Graforrêia Xilarmônica Ao Vivo*, lançado em 2006, e formou um duo de guitarras com Pianta. O projeto, que unia temas arranjados a duas guitarras com longas seções de improvisação, chegou a ser gravado em estúdio no Rio de Janeiro. Embora o registro permaneça inédito até hoje, o trabalho consolidou o elo criativo entre os músicos.

Graduado em Música pela Ufrgs, Pianta levou sua agudeza de leitor para a pós-graduação. No mestrado, destrinchou as sutilezas da arquitetura rítmica do preceptor da Nossa Nova, João Gilberto. No doutorado, migrou para a poesia hermética de Jorge de Lima. Atualmente, sua atuação desdobra-se na pesquisa transdisciplinar entre estrutura literária e música, além de investigar as pontes entre as teorias junguianas e a estética através do Paracelso - Núcleo de Pesquisa em Psicologia Analítica e Arte, do qual é cofundador junto à doutora Nadia Weber dos Santos.

Marta Felizardo, filha do grande fotógrafo Luiz Carlos Felizardo, é casada com o músico desde 2015. Ela revela a dimensão humana por trás do artista. “Para além de ser meu marido, o pai da nossa filha Cecília e a pessoa com quem eu divido a vida, o Carlo é um parceiro incrível”, conta ela. Ao longo desses anos, Marta descobriu um Carlo Pianta que descreve como uma pessoa muito humanista, que se emociona com as coisas. “Por trás desse Carlos piadista, meio ácido, tem um cara que é super observador, que presta muita atenção nas pessoas e me ensina muito sobre ouvir”. Marta também destaca a sabedoria profunda e uma adorável excentricidade que identifica no marido. “O Carlo é dono de uma sabedoria e de uma bondade imensas. Ele parece ter mil anos. É um privilégio poder conviver e desfrutar disso”.

Leia mais na página central